

A CONSTRUÇÃO DO CAPITAL CULTURAL
DOS NEONATIVOS DIGITAIS: GERAÇÃO Z,
DIGITALIZAÇÃO E DESEMPENHO ESCOLAR

*THE CONSTRUCTION OF CULTURAL CAPITAL
TWO DIGITAL NEONATIVES: GENERATION Z,
DIGITALIZATION AND SCHOOL PERFORMANCE*

*LA CONSTRUCCIÓN DE CAPITAL CULTURAL
DOS NEONATIVOS DIGITALES: GENERACIÓN Z,
DIGITALIZACIÓN Y DESEMPEÑO ESCOLAR*

*Elder Patrick Maia ALVES**

*Debora Nunes de Sousa LIMA***

RESUMO: Este trabalho aborda a construção do capital cultural dos neonativos digitais. Nos últimos vinte anos, a intensificação do processo de *digitalização da vida* reduziu a legitimidade do capital cultural transmitido pelos pais e chancelado pela escola. No entanto, fragmentos do capital cultural mais distintivo, incorporados na primeira e segunda infância, são utilizados por essa geração para obter um bom desempenho escolar. Os neonativos digitais que pertencem a famílias com maior renda e escolaridade constroem uma infraestrutura tecnológica doméstica responsável pelo advento do capital informacional-digital-tecnológico, útil para a obtenção de um bom desempenho em exames como o ENEM. Esses dois fatores – a apropriação de fragmentos do capital cultural oriundo da família e da escola e a incorporação de um novo capital informacional-digital-tecnológico – se traduzem em competências cognitivas decisivas para o bom desempenho escolar dessa geração, especialmente aqueles que pertencem às famílias que dispõem de maior renda e escolaridade.

PALAVRAS-CHAVE: Neonativos digitais. Geração. Capital cultural. Digitalização. Desempenho escolar

* Professor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas (ICS/UFAL) e do Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS/UFAL). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5261860957894954> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4896-1962>. Contato: epmaia@hotmail.com.

** Doutora em Sociologia (PPGSol/UnB) e Pesquisadora do Laboratório de estudos sobre a desigualdade educacional em Alagoas (LADES/UFAL). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8552824368607626> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6805-9450>. Contato: deborareby@hotmail.com.

ABSTRACT: *This work addresses the construction of the cultural capital of digital neonates. In the last twenty years, the intensification of the digitalization process of life has reduced the legitimacy of the cultural capital transmitted by parents and endorsed by schools. However, fragments of the most distinctive cultural capital, incorporated in first and second childhood, are used by digital neonates to achieve good school performance. Digital newborns who belong to families with higher income and education build a domestic technological infrastructure responsible for the advent of informational-digital-technological capital, useful for obtaining a good performance in exams such as ENEM. These two factors – the appropriation of fragments of cultural capital originating from family and school and the incorporation of new informational-digital-technological capital – translate into cognitive skills that are decisive for the good academic performance of this generation, especially those who belong to families with higher income and education.*

KEYWORDS: *Digital neonates. Generation. Cultural capital. Digitization. School performance*

RESUMEN: *Este trabajo aborda la construcción del capital cultural de los neonatos digitales. En los últimos veinte años, la intensificación del proceso de digitalización de la vida ha reducido la legitimidad del capital cultural transmitido por los padres y avalado por las escuelas. Sin embargo, los neonatos digitales utilizan fragmentos del capital cultural más distintivo, incorporados en la primera y segunda infancia, para lograr un buen rendimiento escolar. Los recién nacidos digitales que pertenecen a familias con mayores ingresos y educación construyen una infraestructura tecnológica doméstica responsable del advenimiento del capital informacional-digital-tecnológico, útil para obtener un buen desempeño en exámenes como el ENEM. Estos dos factores –la apropiación de fragmentos de capital cultural provenientes de la familia y la escuela y la incorporación de nuevo capital informacional-digital-tecnológico– se traducen en habilidades cognitivas decisivas para el buen rendimiento académico de esta generación, especialmente de aquellas que pertenecen a familias con mayores ingresos y educación.*

PALABRAS CLAVE: *Neonatos digitales. Generación. Capital cultural. Digitalización. Rendimiento escolar.*

Introdução

Este trabalho tem como objeto a construção do *capital cultural* (Bourdieu, 2002) dos *neonativos digitais* que integram a geração Z. Cronologicamente, os membros da geração Z são os indivíduos nascidos entre os anos de 1996 e 2010. Desse modo, a princípio, pertencem à geração Z tanto adolescentes de 15 anos, quanto jovens adultos de 29 anos. A geração Z corresponde aos chamados

nativos digitais (Palfrey e Gasser, 2011) cuja socialização primária e secundária foi profundamente marcada pelo uso dos dispositivos digitais conectados à internet. Já os *neonativos digitais* correspondem à fração mais jovem da geração Z, que nasceram entre os anos de 2005 e 2010. Essa escolha metodológica se deve ao fato de que esse grupo geracional específico, situado entre os 15 e os 20 anos de idade, é hoje, especialmente no Brasil, o contingente que mais acessa e utiliza cotidianamente a internet, praticando a hiperconectividade através do consumo cotidiano de serviços de *streaming*, principalmente os estratos oriundos de famílias que dispõem de maior renda, escolaridades e cujos pais exercem as melhores ocupações. Tendo em vista que o consumo desses conteúdos difere do cânone legítimo e consagrado do *capital cultural* acumulado pelos pais e chancelado pela escola, torna-se relevante compreender como essa fração mais jovem da geração Z constrói o seu *capital cultural* e, sobretudo, como esse capital é mobilizado frente aos imperativos do sucesso escolar, principalmente a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

O objeto empírico descrito impõe que se enfrente três processos simultâneos: 1) o panorama sociológico geral de tessitura da geração Z, tal como o processo de *digitalização da vida* (Lupton, 2015) e a hiperconectividade; 2) o consumo audiovisual digital dos *neonativos digitais* e a construção de seu *capital cultural*; 3) o impacto e os usos desse *capital cultural* junto a prova do ENEM. O primeiro processo, objeto da primeira parte, refere-se ao amplo e intenso processo de *digitalização da vida*, cujos contornos definem o senso de pertencimento e atuação da geração Z e da sua fração mais jovem, os *neonativos digitais*, especialmente no Brasil. Esse processo criou as condições de possibilidade (Bourdieu, 2012) para a construção, paulatina, de uma espécie de capital *informacional-digital-tecnológico*, por meio do financiamento e uso de uma infraestrutura tecnológica doméstica. O segundo processo (objeto da segunda parte) reclama um tratamento atualizado acerca das relações entre *capital cultural*, família e escola.

Conforme assinala Nogueira e Costa (2020), em face das profundas transformações sociais, culturais, educacionais e tecnológicas ocorridas nos últimos vinte anos, no Brasil e no mundo, ainda é possível afirmar que a posse da riqueza cultural é um trunfo relevante, ou mesmo decisivo, para a obtenção do êxito escolar? De acordo com as autoras, as práticas culturais mais consagradas e distintivas, são, hoje, “menos rentáveis e menos transmissíveis do que no passado, e que os investimentos econômicos dos pais têm se mostrado cada vez mais um elemento impulsionador do sucesso escolar dos filhos” (Nogueira e Costa, 2020). Em parte, o *capital cultural* acumulado pelos pais dos nativos digitais tem encontrado, junto com a própria escola, dificuldade de transmissão e legitimação no interior das relações vividas pela fração mais jovem da geração Z; mas, ao mesmo tempo, quando confrontados com o desafio do ENEM, especialmente da prova de redação, esse mesmo *capital cultural*,

parcialmente incorporado, se mostra bastante útil e decisivo para a obtenção de um bom desempenho.

Como já demonstrado por alguns autores (Barbosa, et al, 2011), o *capital cultural* herdado da família, e urdido mediante os trânsitos entre família e escola, tem sido decisivo para um bom desempenho nas provas do ENEM. Mas como o *capital cultural* acumulado através do intenso consumo audiovisual digital (séries, filmes, músicas, games, entre outros), pouco legitimado e consagrado pela família e a escola, é utilizado para obter um bom desempenho junto no exame do ENEM? E mais, em que medida o processo de *digitalização da vida* e a prática da hiperconectividade contribuíram para, no âmbito doméstico, consolidar um *capital informacional-digital-tecnológico*, também bastante útil para a obtenção de um bom desempenho escolar?

A partir desses aspectos, chega-se ao terceiro eixo empírico deste trabalho. No momento de preparação para a realização do exame do ENEM, as frações mais jovens da geração Z são confrontados com os conteúdos artísticos e culturais consagrados, aqueles mesmos que os pais e a escola buscaram valorizar e inculcar, como os conteúdos de determinados livros, músicas, filmes e conteúdos escolares de caráter históricos e políticos, cujo teor são abordados nas provas de humanidades, redação e língua portuguesa. Por um lado, à medida que os membros mais jovens da geração Z, especialmente aqueles nascidos entre 2007 e 2010, avançam na idade e na escolarização, observa-se práticas de consumo de conteúdos audiovisuais digitais pouco consagrados e legitimados, e, por outro lado, no interior do trânsito relacional família-escola-ENEM, esses mesmos agentes são desafiados a consumir e compreender o teor artístico, estético, histórico e político de conteúdos consagrados e legitimados. Esse movimento é permeado por tensões, conflitos e fraturas, cuja intensidade tende a ser maior e mais candente entre os jovens *neonativos digitais* que dispõem de maior renda familiar, cujos pais exercem as melhores ocupações e dispõem de maior escolaridade e, por conseguinte, alimentam as maiores expectativas sobre o sucesso escolar dos filhos (Barbosa, et al 2011).

O processo de digitalização da vida e a geração Z: *neonativos digitais* e hiperconectividade

Antes de explorar as especificidades da geração Z, é preciso delinear a centralidade da categoria *geração* para este trabalho. É oportuno salientar que, embora o critério cronológico-temporal seja o balizador de delimitação da geração Z, esse não é o único nem o mais relevante critério. Na tradição sociológica, foi Karl Mannheim (1974) o primeiro a contribuir para a consolidação de uma reflexão acerca da variável geração. Como assinalou Weller (2012), para Mannheim há dois conceitos centrais

para delimitar a construção social de uma geração: i) o primeiro se refere ao conceito de *posição/situação geracional*; ii) já o segundo concerne ao conceito de *conexão geracional*. Conforme destaca a autora (2012), a princípio, o conceito de *posição/situação geracional*, sugere a construção de um repertório comum de experiências acumuladas, fatos históricos e significados compartilhados, que, em conjunto, conferem unidade de pertencimento a uma geração. No entanto, o conceito demarca mais uma potencialidade, um vir a ser. A rigor, a *posição/situação geracional* assinala as condições de possibilidade de uma geração vir a se definir como tal.

Ainda conforme Weller (2007), o segundo conceito criado por Mannheim para definir geração, *conexão geracional*, abriga aspectos mais concretos e empíricos, figurando como uma contribuição bastante útil e operacional para pesquisar, compreender e explicar a existência e a trajetória de uma determinada geração. O conceito sugere que, mais do que um horizonte temporal comum, que pode se converter em experiências compartilhadas, a *conexão geracional* se refere à construção fática de uma geração. Promovendo um esforço analítico, é como se, no caso da *posição/situação geracional*, um amplo contingente de indivíduos (com idades próximas) de uma determinada sociedade pudessem construir uma identidade geracional, mas, por alguma razão, não o fazem. Significa que há o potencial, mas ele não foi aproveitado.

Já no caso da *conexão geracional*, cria-se um vínculo de pertencimento direto, que foi construído e sedimentado através de práticas coletivas cotidianas, estabelecidas por rotinas, usos e o consumo de ideologias, ideias e valores. Significa que, no decurso de um período histórico-social específico, as potencialidades de se galvanizar uma geração foram realizadas e concretizadas. Esses aspectos, em conjunto, contribuem diretamente para a consecução de certas *unidades geracionais*. É possível sugerir, com efeito, que um mesmo contingente de indivíduos, com idades cronológicas próximas, pode pertencer a *unidades geracionais* distintas.

É possível inferir que, no âmbito da geração Z, a partir das clivagens de classe, raça, gênero e região, existem diversas *unidades geracionais*. Em razão das distâncias socioeconômicas, é seguro salientar que há poucas semelhanças geracionais entre um jovem negro, residente na periferia de uma grande cidade brasileira, com pouca escolaridade, oriundo de uma família de baixa renda e trabalhador de aplicativo de entrega de alimentos, e um jovem branco, residente de áreas urbanas protegidas e privilegiadas, oriundo de uma família com elevada renda e alta escolaridade, embora ambos tenham 18 anos de idade e tenham nascido em 2007. Com efeito, é possível assinalar que há muitas *unidades geracionais* no âmbito da geração Z. Para os finais analíticos deste trabalho, nos interessa a *unidade geracional* composta pelos *neonativos digitais* (indivíduos de 15 a 20 anos de idade) que compõem as frações de elite, cujos pais dispõem de elevada renda, escolaridade e exercem as melhores ocupações. A geração Z, nos termos de Mannheim (1974),

está situada em uma *posição/situação geracional em potencial*, e no seu interior figuram muitas *unidades geracionais*.

Fiel às contribuições de Mannheim (1974), é possível sustentar que o amplo processo de *digitalização da vida* (Lupton, 2015), experimentado mais intensamente pelo mundo nas últimas duas décadas, estabelece o horizonte comum de possibilidades da geração Z (primeira geração de nativos digitais), processo responsável pela criação de uma *posição/situação geracional* geral dos indivíduos nascidos entre 1995 e 2010. Mas, em razão das assimetrias socioeconômicas, especialmente no Brasil, observa-se a existência de múltiplas *unidades geracionais* de pertencimento inscritas no âmbito da geração Z, muitas delas completamente distintas. Para que esses aspectos fiquem suficientemente claros faz-se necessário mobilizar dados e tipologias.

De acordo com os critérios cronológico-temporais, é a primeira vez na história que cinco gerações, com idades bastante distintas e *posições/situações geracionais bastante diferentes*, se relacionam cotidianamente em muitas sociedades contemporâneas. Por exemplo, hoje, na sociedade brasileira há um contingente expressivo dessas cinco gerações se relacionando, desde os chamados *baby boomers* (nascidos entre 1940 e 1959); a geração X (nascidos entre 1960 e 1979); a geração Y (nascidos entre 1980 e 1994); a geração Z (nascidos entre 1995 e 2010); e a geração Alfa (nascidos a partir de 2011). A tabela abaixo delinea a tipologia das gerações, o contingente populacional e os percentuais no âmbito da sociedade brasileira.

Tabela 1 – Tipologia e contingente dos grupos geracionais no Brasil

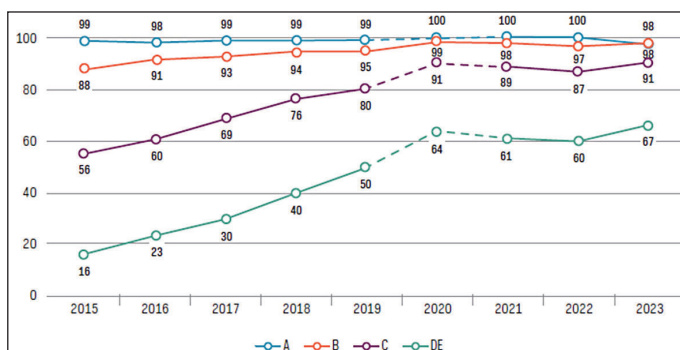
NOMECLATURA	INTERVALO DE NASCIMENTO	CONTINGENTE	(%)
<i>Baby Boomers</i>	De 1945 a 1964	32,8 milhões	16,2
Geração X	De 1965 a 1979	45,6 milhões	22,5
Geração Y (<i>Millennials</i>)	De 1980 a 1995	48,5 milhões	23,9
Geração Z	De 1996 a 2010	42,8 milhões	21,1
Geração <i>Alfa</i>	A partir de 2011	34,1, milhões	16,8

Fonte: Construído a partir do IBGE, 2022.

Conforme a Organização das Nações Unidas (ONU), em 2023, dos 8 bilhões de habitantes do planeta, nada menos do que 67% dispunham de acesso regular à internet, o que correspondeu a 5,3 bilhões de seres humanos. Desses, nada menos do que 55% (4,4 bilhões de pessoas) dispunham de, ao menos, uma rede social digital ativa. De acordo com a ABRANET (Associação Brasileira de Internet), em 2022, entre mais de 50 países pesquisados, o Brasil figurou como o segundo país que mais utilizou tempo de tela no mundo, com 9 horas e 32 minutos, predominando o uso

de *smartphones*¹. Conforme destaca o CGI-BR (2024), em 2023, 84% da população brasileira dispunha de acesso à internet, sendo que, do total de domicílios, 85% dispunha de acesso. Entre os domicílios que pertencem aos menores estratos de renda, D e E, 87% dos residentes acessam a internet, exclusivamente, pelo telefone celular (*smartphone*); já entre os domicílios que pertencem aos maiores estratos de renda (A e B), 81% acessaram a internet através do computador e do *smartphone*, aspecto que revela profundas desigualdades socioeconômicas. No entanto, é preciso considerar que, mesmo entre os estratos de menor renda D e E), ocorreu uma expansão significativa do acesso à internet. Como se vê no gráfico seguinte, em 2018, 40% desses estratos acessaram a internet, taxa que passou para 67% cinco anos depois. Como esses estratos correspondem a, aproximadamente, 52,5% da população brasileira (106,5 milhões de pessoas), esse dado revela a intensa penetração da internet junto a essas classes sociais.

Gráfico 1 – Domicílios com acesso à internet – por classe social (2015-2023)



Fonte: CGI-BR, 2024.

Em 2013, somente 31% da população brasileira utilizava o telefone celular (*smartphone*) para acessar a internet. Em 2023, essa taxa saltou para 88%, crescimento de 184% em dez anos – média anual de 18,4%. O celular se tornou o dispositivo mais utilizado para acessar e realizar atividades no ambiente digital. Esse uso é mais intensivo pelos estratos de renda D e E, que, por não disporem de renda suficiente para a aquisição de computador e disponibilidade de *wi-fi* doméstico, lançam mão de maneira recorrente do *smartphone*. 87% dos usuários de internet no Brasil utilizaram o celular para enviar mensagens, 78% para assistir vídeos, 76% para acessar redes sociais, 76% para ouvir música, e assim por diante.

A contundência dos dados revela que a sociedade brasileira se digitalizou, e o fez de maneira rápida, intensa e bastante desigual. Essa digitalização impactou

¹ Disponível em <https://www.abranet.org.br/publicacoes/noticias/4627> Acesso em 21 jan. 2025.

todos os domínios da vida: política, educação, trabalho, saúde, diversão, lazer, entretenimento, cultura, comércio, sexualidade, identidade, família, entre diversos outros. Esse processo foi capturado por Lupton (2015) por meio do conceito de *digitalização da vida*. Trata-se de um arranjo global de vastas redes de integração relacional e de interdependências mediadas por diversos dispositivos digitais móveis, que redefinem e alteram os esquemas psicossociais dos indivíduos e as suas *estruturas sociais de personalidade* (Elias, 1990). A *digitalização da vida* é acompanhada por uma rotina cotidiana de acesso, uso e realização de práticas digitais que vicejam novas sensações, emoções e sentimentos, como medo, angústia, ansiedade, ódio, ameaças, conflitos, tensões, dilemas e engajamentos éticos, estéticos, artísticos, políticos, morais, ambientais e ideológicos os mais variados. É possível sustentar que a *digitalização da vida*, com suas singularidades contextuais em diferentes países e regiões mundo afora, abriga três grandes dimensões: 1) doméstico-familiar; 2) político-ideológica-governamental; 3) econômico-financeira-laboral-produtiva. Para a compreensão da construção do *capital cultural* e do *capital informacional-digital-tecnológico* por parte da fração mais jovem da geração Z, e dos seus usos e impactos no desempenho escolar, interessa-nos a primeira dimensão.

Quadro 1 – Dimensões do processo de digitalização da vida e seus domínios

DIMENSÃO	DOMÍNIO DA CONECTIVIDADE
DOMÉSTICO-FAMILIAR	<ul style="list-style-type: none"> - Socialização digital - Gastos familiares com os serviços culturais-digitaís - Educação formal-escolar
POLÍTICO-IDEOLÓGICA-GOVERNAMENTAL	<ul style="list-style-type: none"> - Ativismo político-ideológico - Uso dos variados serviços públicos
ECONÔMICO-FINANCEIRA-PRODUTIVO-LABORAL	<ul style="list-style-type: none"> - Uso corporativo dos serviços digitais - Novas rotinas laborais, controles e características produtivas do trabalho - Economia digital global de plataforma, ancorada na coleta de dados para a monetização da experiencia e da subjetividade humana

Fonte: Elaboração própria, 2021.

A geração Z conferiu materialidade empírica e agonista ao processo de *digitalização da vida* (Lupton, 2015). Se todas as gerações contemporâneas utilizam regularmente a internet, a geração Z o faz mais intensamente, pois, no decorrer do seu processo de socialização primária e secundária, foi a primeira geração na história a experimentar e desenvolver novas estruturas cognitivas, emocionais e psíquicas

inteiramente mediada por dispositivos digitais, móveis e fixos. A rigor, ela cresceu com um dispositivo digital na mão (*tablet*, *smartphone* e computador), orientando a sua percepção quanto às diversas experiências formativas e constitutivas. A internet constitui seu lar simbólico-existencial. Não por acaso, a definição de nativos digitais e da geração Z se confundem e se intrincam. A partir de uma abordagem sociológica, podemos assinalar que essa definição deve enfatizar os aspectos constitutivos da socialização primária e secundária, quanto os estímulos, as disposições e as percepções são construídas na mediação permanente entre família, tecnologia e escola. Esse aspecto faz da geração Z/nativos digitais não somente usuários de internet, mas usuários profundamente digitalizados e hiper conectados.

De acordo com o IBGE, entre 2019 e 2023, o acesso à internet cresceu entre os oito principais grupos etários brasileiros. O maior crescimento foi observado entre as pessoas com mais de 60 anos de idade, saindo de 44,8%, em 2019, para 66%, em 2023. No entanto, a maior média de acesso é observada entre os nativos digitais/geração Z (nascidos entre 1996 e 2010), e que têm entre 15 e 29 anos de idade. A média de acesso à internet dos três grupos etários que compõem essa geração é de 95,3%, superior à média dos grupos etários que formam a geração Y (95,5%) e da geração X (90,7) e da geração *Baby Boomers* (66%). As frações mais jovens da geração Z são as mais hiper conectadas porque estão mais familiarizadas com o ambiente digital, naturalizaram em suas disposições, percepções e classificações os diversos usos que as tecnologias digitais dispõem. Esse aspecto é mais verdade porque, podemos arriscar, aqueles nascidos entre 2005 e 2010 já internalizaram uma outra fase da internet, aquela que corresponde a produção de conteúdos massivos pelos próprios usuários junto às redes sociais digitais, a chamada internet 2.0.

Os neonativos digitais da geração Z: capital cultural e os novos trânsitos relacionais entre família, escola e tecnologia

De acordo com Bourdieu (2004), o *capital cultural* é um recurso simbólico urdido e transmitido através da incorporação de estruturas cognitivas e disposições artísticas, culturais, escolares e simbólicas avaliativas, acionadas em determinadas interações. O *capital cultural* é incorporado por indivíduos e tem materialidade histórica e corporal (o *habitus*). São três as modalidades específicas de *capital cultural*: 1) *institucionalizado*; 2) *objetivado*; 3) *incorporado*. O primeiro se refere às formas institucionalizadas dos títulos escolares e acadêmicos, materializados na forma de diplomas chancelados por escolas e universidades de prestígios. A segunda modalidade concerne ao *capital cultural* que se materializa em objetos e artefatos artísticos e estéticos, notadamente no espaço doméstico, como quadros, discos, esculturas, livros etc. Por fim, a terceira modalidade diz respeito ao *capital*

cultural incorporado, que se traduz nos modos de falar, gesticular, comer, vestir, sentir, andar, ouvir, entre outros. Trata-se do corpo pré-disposto da classe e a sua história social corporificada em ação (a *hexis* corporal), que age, fala e pensa durante as distintas interações sociais, tais como um jantar, uma aula, uma reunião de trabalho, uma festa, um encontro casual, uma viagem, uma partida de futebol, entre outros.

Todas as modalidades de *capital cultural* concorrem para definir um recurso de poder, que, no decurso das interações, confere poder, prestígio e distinção a quem porta maiores quantidades de tais modalidades de *capital cultural*. Em suas três modalidades, o *capital cultural* tem sua gênese na família, durante o processo de socialização primária e secundária, mediante o qual os filhos incorporam as pré-disposições e disposições transmitidas pelos pais. A família é, portanto, o núcleo primeiro e principal de construção e sedimentação de altos ou baixos volumes de *capital cultural*. Mais tarde, essas disposições originárias são reforçadas e cristalizadas em contato com as instituições escolares, acadêmicas, artísticas e profissionais.

Esses aspectos teóricos, permeados por dados empíricos qualitativos e quantitativos, permitiram que Bourdieu operasse uma relevante descoberta: qual seja, o *capital cultural*, e suas modalidades, atuam como códigos linguísticos e simbólicos que os estudantes incorporam e levam para a escola, que, por sua vez, reforça, consagra e legitima essas modalidades de capitais através dos seus currículos, dos conteúdos escolares e das obras que reitera e consagra. Tem-se, desse modo, o encontro de uma subjetividade e de uma objetividade, que se amalgamam para construir, paulatinamente, um *habitus* específico. Nos termos de Bourdieu (2004), a escola, na esmagadora maioria das vezes, reproduz o *capital cultural* oriundo das famílias mais privilegiadas e que dispõem de elevados volumes desse capital. É, portanto, uma reprodutora de assimetrias.

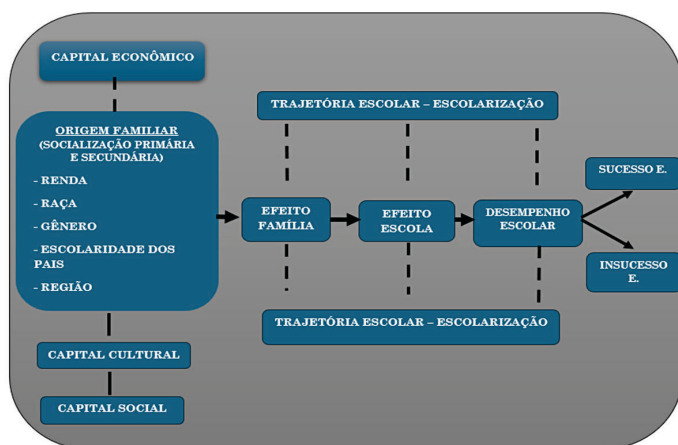
Como corolário, a escola, enquanto legitimadora de assimetrias simbólico-culturais, contribuiu para a reprodução de hierarquias sociais. Essas hierarquias, inconscientes e sutis, concorrem para hipostasiar os conteúdos legitimados, tais como determinados livros, filmes, peças teatrais, obras de arte, fatos históricos e culturais, entre outros. A descoberta de Bourdieu (2004), também encontrada pelo sociólogo James Colman, através do notório relatório Colman (1964), contribuíram para que a sociologia da educação enfatizasse a relevância decisiva do efeito família no sucesso ou no insucesso escolar dos estudantes. Logo, as causas para o desempenho escolar, a partir dos autores supracitados, estão mais nos recursos do *capital cultural* (Bourdieu, 2001) e *social* (Colman, 1964) e bem menos na estrutura física e qualidade educacional e pedagógica da escola.

A partir da influência de Elias (2001), Lahire (2006) sustenta que o *capital cultural* é construído mediante a interdependência relacional entre família e escola.

Através de técnicas qualitativas de teor etnográfico, o autor ressalta que a escola impacta diretamente a aprendizagem e o desempenho escolar, contribuindo para a construção de fragmentos valiosos de *capital cultural*, mesmo entre as famílias pobres e pouco escolarizadas, que dispõem de pouco *capital cultural*. Se Bourdieu (2004) confere centralidade à família, criando um pêndulo causal a partir do “efeito família”, Lahire (2006) amplia essa perspectiva ao destacar o fator escola, enfatizando que há um fluxo de mútuas influências simbólico-culturais entre família e escola. Para o autor (2006), a transmissão do *capital cultural* das famílias para os filhos não é automática e unidimensional, a escola contribui nesse processo, e importa bastante, sobretudo para o desempenho escolar das classes populares.

A partir das contribuições de Bourdieu (2004) e Lahire (2006), a sociologia da educação passou a explorar as relações recíprocas entre família e escola, lançando mão do poder exercido pelo *capital cultural* e *econômico* dos estudantes e de suas famílias para compreender o peso causal da família (efeito família) e da escola (efeito escola) para compreender e explicar o desempenho escolar dos estudantes. Em face dessas contribuições e da consolidação de uma literatura a respeito, delineamos um esquema analítico que será mobilizado à frente para abordar a relação entre o *capital cultural* das frações mais jovens da geração Z e o seu desempenho na prova do ENEM. O modelo demonstra que, para compreender o desempenho escolar dos estudantes, é preciso considerar o trânsito relacional entre família e escola, considerando, como unidade empírica e analítica, a trajetória escolar desses em face tanto da composição socioeconômica e cultural das famílias quanto a estrutura física e as condições didático-pedagógicas da escola, sejam elas instituições públicas ou privadas.

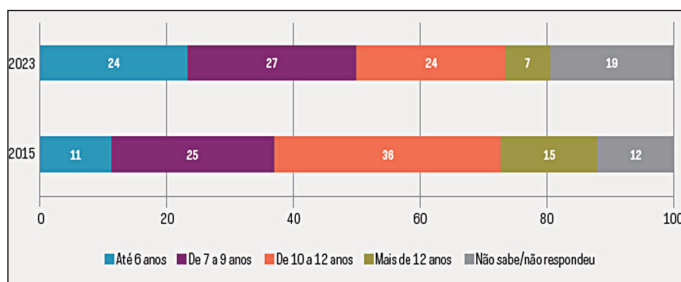
Figura 1 – Modelo analítico – interdependência entre o efeito família e o efeito escola



Fonte: Elaboração própria, 2025.

O processo de *digitalização da vida* (Lupton, 2015) exerce uma força mais intensa sobre a geração Z, e a hiperconectividade mantida por sua fração mais jovem revela que há outras formas de construção de *capital cultural* que escapam à influência direta da família e à tutela da escola. De acordo com o CGI-BR, em 2023, 94,6% das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos de idade eram usuários regulares de internet. Entre os adolescentes e jovens adultos de 15 a 20 anos de idade essa taxa chega a 97%. Conforme evidencia o gráfico seguinte, as crianças realizam o seu primeiro acesso à internet cada vez mais cedo. Em 2015, 11% das crianças brasileiras realizaram o seu primeiro acesso com até seis anos de idade. Em 2023, essa taxa saltou para 24% – crescimento de mais de 100%. Em 2015, 36% do total de crianças usuárias da internet realizaram o seu primeiro acesso entre 10 e 12 anos de idade, percentual que caiu para 24%, em 2023 – redução de 33,2%. Por fim, em 2015, do total de crianças e adolescentes usuárias da internet, 15% realizaram o seu primeiro acesso com mais de 12 anos de idade, percentual que foi reduzido para apenas 7%, em 2023 (redução de mais de 50%).

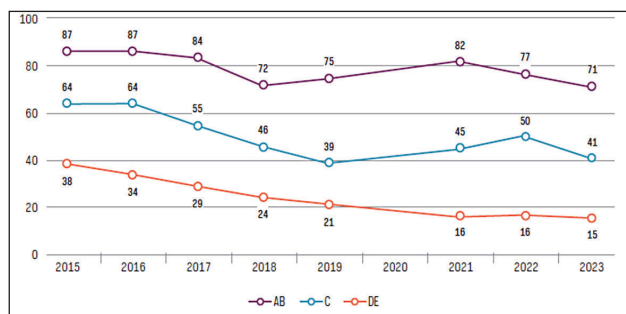
Gráfico 2 – Crianças e adolescentes, por idade do primeiro acesso à internet (2015 a 2023) (Total de usuários de internet de 9 a 17 anos de idade)



Fonte: CGI-BR, 2024.

Confirme se observa, em 2015, do total de crianças usuárias de internet, 63% utilizavam computador para realizar atividades *online*. Em 2023, essa taxa declinou para 42,3%. Essa queda foi acompanhada de uma elevação contínua do *smartphone* para acessar a internet. O maior declínio foi registrado nos menores estratos de renda, D e E, que caiu de 38%, em 2015, para 15%, em 2023 (redução de mais de 60%). A não utilização ou posse do computador dificulta em demasia a realização de atividades e tarefas escolares, uma vez que o reduzido tamanho da tela do celular acaba inviabilizando a feitura de tais atividades. Já o uso da televisão para acessar a internet (*smart TV*) se expandiu de maneira intensa entre crianças e adolescentes. Em 2015, apenas 10,3% do total de crianças e adolescentes usuários de internet utilizavam a televisão para o acesso *online*. Em 2023, essa taxa saltou para incríveis 72,3% – elevação de mais de 600% (crescimento médio anual de 75%). Entre os estratos de menor renda (D e E), o salto foi de 2%, em 2015, para 54%, em 2023.

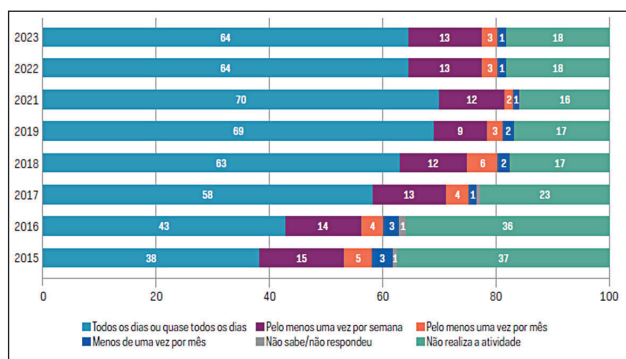
Gráfico 3 – Crianças e adolescentes por uso de dispositivo para acessar a internet, por classe (2015-2023) (Total de usuários de Internet de 9 a 17 anos (%))



Fonte: CGI-BR, 2024.

O consumo de internet se ampliou, mas, sobretudo, recrudescceu a sua intensidade. Embora a fonte utilizada (CGI-BR) tenha como recorte as crianças de 9 a 17 anos de idade, e a nossa ênfase empírica seja nos jovens de 15 a 20 anos, é possível constatar a intensidade do acesso, dos usos e do consumo digital por todas essas clivagens etárias. Por exemplo, em 2015, do total de crianças e adolescentes usuários de internet, 41% acessaram a internet para ouvir música *online* todos os dias ou quase todos os dias. Em 2023, esse percentual saltou para 75% – crescimento de 83%. Trata-se de um crescimento bastante robusto, pois o indicador captura a intensidade e frequência do acesso (todos os dias ou quase todos os dias). Já no que tange ao consumo de vídeos, programas, filmes e séries, o crescimento também foi bastante expressivo. Em 2015, do total de usuários de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos usuárias de internet, 38% consumiram – todos os dias – vídeos, programas, filmes e séries no ambiente *online*. Em 2023, esse percentual saltou para 64% – crescimento de 68,5%.

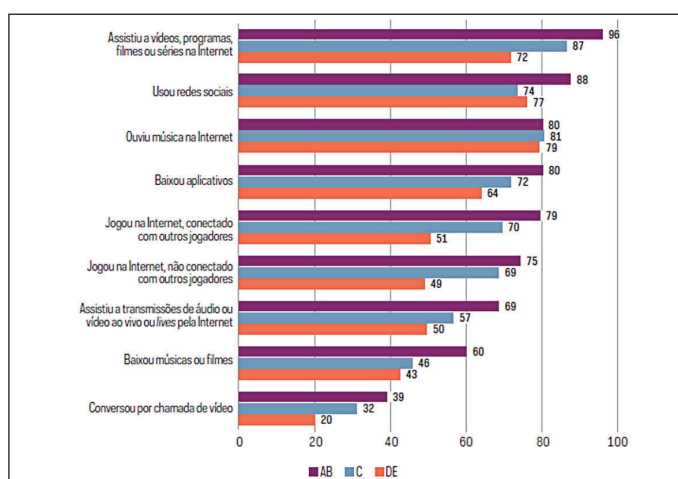
Gráfico 4 – Assistiu vídeos, programas, séries ou filmes online



Fonte: CGI-BR, 2024.

A intensidade desse consumo não ocorre de forma homogênea entre os estratos de renda, pelo contrário, registra assimetrias bastante nítidas. Como demonstra o gráfico seguinte, as crianças e adolescentes dos estratos de renda A e B acessaram e consumiram mais os conteúdos de vídeos, programas, filmes e séries, registrando um percentual de 96% nesse estrato de renda. Significa que, do total de crianças de 9 a 17 anos de idade usuárias de internet nesse estrato de renda, 96% tiveram acesso regular a esses conteúdos. Já entre as crianças e adolescentes usuárias de internet pertencentes aos estratos D e E, o percentual cai para 72%.

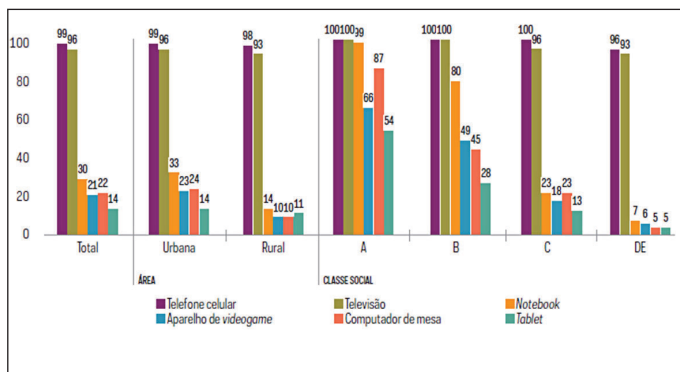
Gráfico 5 – Crianças e adolescentes, por atividades realizadas na internet por classe (2021) – Total de usuários de Internet de 9 a 17 anos (%)



Fonte: CGI-BR, 2024.

As assimetrias permanecem e ficam bastante evidentes quando se olha para a infraestrutura tecnológica doméstica necessária ao acesso e uso da internet. Entra as crianças usuárias de internet que pertencem ao estrato de maior renda (A), praticamente todas dispõem de computador de mesa, *notebook*, televisão e telefone celular para acessar a internet. Outros 66% dispõem de equipamento de videogame e 54% de tablet. Por outro lado, as crianças e adolescentes usuárias de internet pertencentes aos estratos de menor renda (D e E), praticamente não dispõem de computador de mesa, *tablet*, videogame e *notebook* para acesso à internet. Trata-se de uma desigualdade sociodoméstica acentuada. São os *neonativos digitais* (fração mais jovem da geração Z) pertencentes aos estratos de renda A e B aqueles que mais dispõem dessa infraestrutura tecnológica doméstica, e que a utilizam intensamente e cotidianamente. É a partir dessa infraestrutura que se constrói uma espécie de novo *capital informacional-digital-tecnológico*, profundamente vinculado à digitalização da vida.

Gráfico 6 – Crianças e adolescentes que residem em domicílios com equipamentos de TIC (2021) – Totais populacionais estimados para indivíduos de 9 a 17 anos (%)



Fonte: CGI-BR, 2024.

Tanto a intensidade do uso quanto a disponibilidade de infraestrutura tecnológica doméstica revelam um intenso consumo de conteúdos audiovisuais *online* entre os *neonativos digitais*, especialmente entre aqueles que pertencem a famílias com maior renda e maior escolaridade (estratos de renda A e B). Esse consumo ocorre principalmente através da assinatura de plataformas de *streaming* de músicas, series, filmes, games e vídeos. Conforme analisamos em outros trabalhos (Alves, 2019; Alves, 2023), o processo de expansão das assinaturas das plataformas de *streaming* corresponde à ponta de lança mais avançada do processo de *digitalização do simbólico*, que, em linhas gerais, concerne a intensa e recorrente migração dos bens e serviços culturais para o ambiente *online*, convertendo-se em serviços culturais-digitaes. Em 2023, em todo o mundo, havia, aproximadamente, 750 milhões de assinaturas de plataformas de *streamings* de séries e filmes, figurando como líderes globais empresas-plataformas com *Netflix* (220 milhões de assinantes), *Prime Vídeo* (180 milhões de assinantes), *Disney* (140 milhões), *HBO Max* (110 milhões de assinantes), entre outras.

No Brasil, em 2023, de acordo com o CGI-BR (2024), do total da população usuária de internet com mais de dez anos de idade, 74% acessaram a internet para consumir vídeos, programas, séries e filmes *online*, realizadas por meios dos serviços de assinatura de plataformas de vídeo. Conforme assinala o IBGE (2024), em 2023, o Brasil registrou 31,3 milhões de domicílios que contavam com, pelo menos, uma assinatura regular de plataforma de *streaming*. Tendo em vista a média de três habitantes por domicílio no Brasil, projeta-se que cerca de 93 milhões de pessoas no país dispunham de acesso pago a alguma plataforma audiovisual *online* (Alves, 2023). Os *neonativos digitais*, especialmente aqueles que pertencem de maior renda e escolaridade, são consumidores contumazes dos conteúdos audiovisuais acessados

junto às plataformas de assinatura de *streaming*. No entanto, o repertório de práticas *online* realizado por essa fração da geração Z não se restringe ao consumo de conteúdos audiovisuais *online*. Esse repertório abarca também as atividades escolares convencionais, que contam com o suporte da infraestrutura tecnológica doméstica de acesso à internet. Em 2015, do total de crianças e adolescentes usuários de internet no Brasil, 29% acessaram, todos os dias, a internet para realizar atividades escolares. Em 2023, esse percentual se elevou para 46% – crescimento de 59%.

Os *neonativos digitais* da geração Z lançam mão dessa infraestrutura tecnológica doméstica como um recurso tecnológico, cultural, informacional, escolar e cognitivo, disponibilizado no âmbito do domicílio, para construir parte do seu *capital cultural*, cujos efeitos serão, mais tarde, traduzidos no desempenho na prova do ENEM. Em outros termos, significa que o polo família foi reforçado, e que os *capitais culturais* e econômicos oriundos das famílias, com o advento e profusão da internet, tendem a exercer mais impacto do que a escola. Dito de outro modo, o *capital cultural* e *econômico* disponibilizados pelas famílias foram reforçados por uma espécie de novo capital *informacional-digital-tecnológico*, que tem se consolidado como um recurso decisivo para um bom desempenho escolar.

Neonativos digitais e desempenho escolar: capital econômico, capital cultural, capital informacional e desempenho na prova do ENEM

No âmbito da sociologia da educação há um consenso de que o desempenho escolar de um estudante depende diretamente do efeito família e do efeito escola. Esse desempenho, construído ao longo da trajetória escolar do estudante, pode ser caracterizado pelo sucesso ou insucesso escolar. O efeito família, conforme explorado neste trabalho, se refere à composição socioeconômica e cultural dos pais dos estudantes, notadamente do impacto que os capitais *econômicos* e *culturais* exercem sobre a trajetória escolar. Já o efeito escola concerne à influência que a instituição exerce sobre os estudantes, principalmente por meio de aspectos como a qualidade da estrutura física, a dependência administrativa (pública ou privada), a disponibilidade de recursos didático-pedagógicos, laboratórios, bibliotecas e a qualificação dos professores.

No Brasil, especialmente nos últimos vinte anos, as pesquisas acerca do efeito família e do efeito escola, realizadas a partir de provas de larga escala nacional, como o exame do ENEM, têm enfatizado, a partir de Lahire (2006), que é preciso observar a mútua relação exercida pela família e pela escola. Nos estudos que têm como objeto o desempenho escolar e os seus múltiplos fatores relacionais, classe, raça, gênero, região, escolaridade dos pais, renda dos pais, localização da escola,

infraestrutura da instituição, qualificação dos professores, ora o pêndulo causal se inclina para a família, ora o pêndulo se inclina para a escola.

Nos trabalhos conduzidos por Barbosa (2011), a autora destaca que, entre os estratos sociais que dispõem de maior renda e escolaridade, a expectativa de um bom desempenho escolar e de obtenção de sucesso educacional por parte dos filhos é bastante intensa. A autora utiliza esse fator para abordar e comparar, no âmbito do polo família, qual variável exerce um peso maior no desempenho dos estudantes, a variável renda familiar (*capital econômico*) ou a variável escolaridade dos pais (*capital cultural*). Comparando as médias nas disciplinas de matemática e língua portuguesa (linguagem), obtidas por estudantes do ensino fundamental público, a autora verificou alguns resultados relevantes. Comparando as pontuações obtidas nessas duas disciplinas, a partir do resultado de provas em âmbito nacional, Barbosa constata que as pontuações obtidas pelos estudantes do quartil de maior renda é superior às pontuações dos estudantes do quartil de menor renda. No caso de matemática, a diferença chega a 2,12; já no caso da linguagem, a discrepância chega a 2,26.

Tabela 2 – Pontuação de desempenho segundo o quartil de renda

QUARTIL DE RENDA	PONTUAÇÃO EM MATEMÁTICA	MÉDIA EM LINGUAGEM
Quartil 1	22,50	15,98
Quartil 2	24,00	18,06
Quartil 3	25,24	19,38
Quartil 4	27,20	20,02

Fonte: Barbosa, 2011.

No entanto, conforme sustenta a autora (2011), a variável escolaridade da família exerce um peso maior. Nesse caso, as diferenças de pontuação são mais elevadas. A autora recorta a variável escolaridade da mãe. Na disciplina de matemática, os filhos das mães com menor escolaridade, que dispõem de até o primário completo (antiga classificação das etapas educacionais no Brasil), obtiveram uma pontuação de 22,91. Por outro lado, os estudantes cujas mães dispõem de maior escolaridade (12 anos e mais de estudos), obtiveram uma pontuação total de 27,25, diferença de 4,34. Já em linguagem, os estudantes com as mães que dispõem de menor escolaridade (até o primário completo), obtiveram uma pontuação geral de 16,84 pontos, ao passo que, entre aqueles cujas mães dispõem de maior escolaridade (12 anos ou mais de estudos), a pontuação total foi de 21,8, diferença de 4,44 pontos.

Tabela 3 – Efeitos da escolaridade da mãe sobre o desempenho escolar

NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MÃE	PONTUAÇÃO EM MATEMÁTICA	PONTUAÇÃO EM LINGUAGEM
Até o primário completo	22,91	16,84
Até o fundamental completo	25,01	18,80
Até o segundo grau completo	28,59	17,60
Doze anos e mais	27,25	21,28

Fonte: Barbosa, 2011.

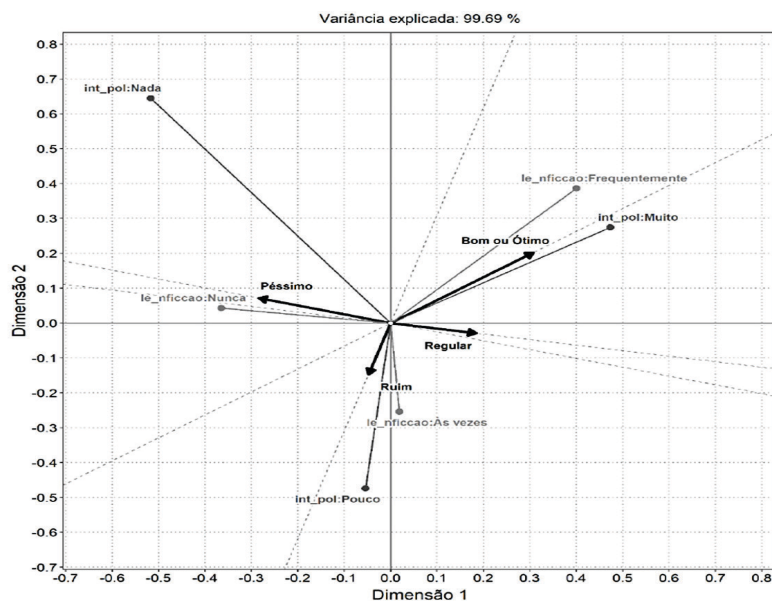
A pesquisa conduzida por Barbosa (2011) foi realizada na primeira metade da década de 2010. Esse aspecto não invalida a pesquisa e os seus resultados, antes o contrário, mas captura pouco o processo de *digitalização da vida* e de realização da hiperconectividade por parte dos *neonativos digitais*, uma vez que estes ainda estavam nascendo. O trabalho conduzido por Nascimento, Cavalcanti e Ostermann (2009), também realizado na primeira década deste século, traz resultados semelhantes àqueles obtidos por Barbosa (2011), mas com algumas distinções relevantes. A pesquisa foi realizada a partir dos resultados obtidos junto ao ENEM entre os segmentos das camadas populares, que, a princípio, pertencem a famílias que dispõem de pouco *capital cultural* e *econômico*, mas obtiveram um desempenho satisfatório. Os dados foram obtidos e tratados a partir do questionário socioeconômico respondido pelos estudantes que realizaram o ENEM no ano de 2009. Para obter resultados mais precisos, os autores criaram quatro indicadores: i) índice de capital econômico (ICE); ii) índice de capital cultural institucionalizado (ICC-INST); iii) índice de capital cultural cultura geral (ICC-GER); iv) Índice de capital cultural Consciência social (ICC-CS). A ênfase dos autores recaiu sobre o primeiro (ICC-INST).

A partir dos *escores* obtidos, aliado ao cruzamento dos indicadores, os autores recortaram os desempenhos satisfatórios dos estudantes pertencentes às camadas populares, que dispõem de baixos volumes de *capital econômico* e *cultural*. De uma população total de 172.994 estudantes, 14.995 indivíduos pertencentes às camadas populares obtiveram bom e ótimo desempenho, o que representou apenas 8,67% do total. A partir do universo geral de 172.994 estudantes e da amostra de 14.995 estudantes oriundos das camadas populares que obtiveram um rendimento satisfatório, os autores obtiveram alguns achados reveladores. Por exemplo, do universo total (172.994), 57.501 estudantes obtiveram um desempenho péssimo, o que representou 33,24%. Desses, apenas 13,92% responderam que realizam a prática de leitura (não-ficção) frequentemente. Por outro lado, entre 14.995 que obtiveram desempenho satisfatório (bom e ótimo), 29,2% afirmaram que praticaram a atividade de leitura frequentemente. Entre o grupo que obteve um péssimo desempenho

(57.501 candidatos), apenas 18,82% responderam que se interessam muito pelo tema política. Por outro lado, entre os que obtiveram desempenho satisfatório e pertencem às camadas populares (14.995 candidatos), 38,32% informaram que se interessam muito pelo tema política.

Para deixar nítido a relevância da prática de leitura e do interesse pelo tema política, os autores elaboraram um mapa de análise de correspondência conjunta, relacionando o desempenho na prova do ENEM, a prática de leituras de livros de não ficção e o interesse pelo tema política. Como se pode observar, quanto maior a frequência de leitura e do interesse pelo tema política, tanto melhor foi o desempenho junto a prova do ENEM. O inverso é verdadeiro. Quanto menor a frequência de leitura e menor o interesse pelo tema política, tanto pior foi o desempenho junto ao ENEM. A frequência e a intensidade dessas práticas, profundamente relacionadas às três modalidades de *capital cultural*, revela que, mesmo entre as camadas populares, o bom desempenho depende bastante do acúmulo de competências cognitivas vinculadas à leitura e ao interesse por informações de caráter político e conhecimentos gerais.

Gráfico 7 – Mapa de análise de correspondência conjunta, relacionando o desempenho na prova do ENEM, a prática de leituras de livros de não ficção e o interesse pelo tema política



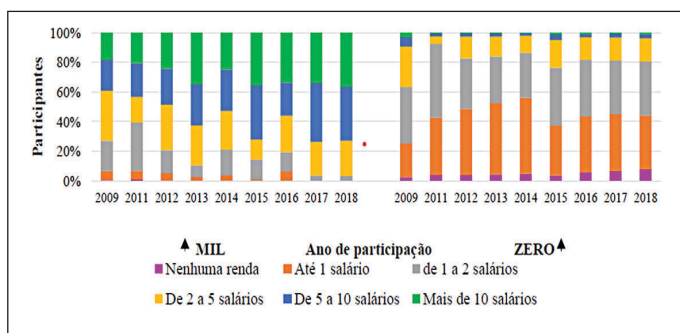
Fonte: Nascimento, Cavalcanti e Ostermann, 2009.

O desempenho na prova de redação do ENEM por parte dos *neonativos digitais*

Santana e Dantas (2025) realizaram valioso e minucioso levantamento acerca da relação entre *capital econômico*, *capital cultural* e o desempenho na prova de redação do ENEM. As autoras obtiveram os dados através das respostas dos questionários socioeconômicos respondidos pelos estudantes quando da aplicação das provas do ENEM. No total, examinaram as respostas de 1.154.800 estudantes, o que correspondeu a uma amostra de 2,6% candidatos de um total de 44,5 milhões de provas de redações, acumuladas entre os anos de 2009 a 2018. Esse período abarca o processo de *digitalização da vida*, a consolidação das práticas de hiper conectividade e, por conseguinte, a construção de um *capital informacional-digital-tecnológico* por parte dos *neonativos digitais* membros da geração Z. As autoras separaram as 1.154.800 provas de redação, respondidas entre 2008 e 2018, em dois grupos: 1) aquelas que obtiveram a nota mil (pontuação máxima); e aquelas que obtiveram a nota zero (pontuação mínima). Da população total de 44.553.503 redações, o grupo de nota mil representou apenas 0,3% (11.964 provas, e o grupo de nota zero representou 2,6% (1.142.836). De acordo com as autoras, a nota mil corresponde a uma expressão do *capital cultural* acumulado pelo candidato, resultado do trânsito família-escola.

Como o *capital cultural* não opera no vácuo (Santana e Dantas, 2025), o grupo que obteve nota mil entre a série histórica de 2009 a 2018 pertencem aos estratos de maior renda. Entre os estudantes que obtiveram a nota mil predomina aqueles que pertencem aos maiores estratos de renda. Em 2017 e 2018, por exemplo, aproximadamente 75% desses estudantes pertenciam a famílias que obtiveram uma renda mensal de 5 a 10 salários-mínimos e de mais de dez salários-mínimos. Por outro lado, entre os estudantes que obtiveram a nota zero, predomina os estudantes cujas famílias dispõem de uma renda mensal de até 1 salário-mínimo, de 1 a 2 salários-mínimos e nenhuma renda. Em 2017 e 2018, por exemplo, pertenciam a esses três estratos de renda mais de 80% dos estudantes que obtiveram nota zero.

Gráfico 8 – Distribuição da renda familiar mensal dos participantes que obtiveram notas mil e zero, respectivamente, na redação do ENEM



Fonte: Santana e Dantas, 2025.

No caso dos *neonativos digitais*, como se trata de jovens que possuem de 15 a 20 anos, vivendo o ciclo final da escolarização básica e o início do ensino superior, o trânsito família-escola é muito intenso e revelador. Esses jovens trazem nos seus corpos, disposições e esquemas avaliativos, traços duráveis da classe, da raça, do gênero, da região e da faixa-etária, cujos conteúdos artístico, culturais, estéticos e de entretenimento consumidos escapam da tutela da escola e da influência direta dos pais, principalmente em razão da digitalização da vida e da hiperconectividade. Essa tutela foi exercida com mais eficácia, assim como a influência dos pais, na primeira e segunda infância (de 0 a 6 anos e de 7 a 12), após essa fase se intensifica a hiper conectividade ligada ao consumo de conteúdos audiovisuais menos consagrados e legitimados, notadamente através dos *smartphones* conectados à internet e vinculados a assinatura de uma ou mais plataformas de *streaming*.

É possível assinalar que, embora esses jovens e adolescentes membros das frações mais jovens da geração Z tenham incorporado, durante a primeira e segunda infância, um tipo específico de *capital cultural*, traduzido em modos de sentir, pensar, perceber, avaliar e julgar, à medida que eles chegam aos 14 ou 15 anos de idade, as disposições originárias se transformam e se acomodam às novas referências estéticas, artísticas, de entretenimento e de informação. Essas referências são acessadas e consumidas através dos dispositivos digitais móveis e da infraestrutura tecnológica doméstica (computadores, celulares, *notebooks*, *tablets*, games, televisão, wi-fi, entre outros) que permitem o acesso às plataformas de *streaming* por assinatura, elemento central do processo de *digitalização da vida* e da hiperconectividade,

Embora utilizem o *smartphone* desde a mais tenra idade, caracterizando-se como a primeira geração de nativos digitais, os membros da geração Z, quando possuem entre 5 e 12 anos de idade, são bastante vigiados pelos pais, controlados e tutelados pela escola. Ocorre que, à medida que crescem, a individualização

originária, materializada em uma infraestrutura sociodoméstica (quarto próprio, banheiro individual, *smartphone*, *tablet*, wi-fi com conexão doméstica ilimitada, computador, biblioteca, roupas, acessórios de decoração etc.), os habilita a manusear às funcionalidades digitais com grande destreza e competência, permitindo-lhes acessar e consumir conteúdos de séries, filmes, vídeos, músicas, informações, entre outros, pouco recomendado e cancelados pelos pais e pela escola, mas muito úteis para um bom desempenho escolar.

Considerações finais

Diante dos aspectos teóricos e empíricos mobilizados neste trabalho, aventamos a seguinte conclusão: por um lado, os *neonativos digitais*, ainda que de forma fragmentada, conflituosa e tensa, incorporam parcela do *capital cultural* transmitido pelos pais e pela escola. Essa incorporação, como a modalidade sugere, é mais uma disposição durável corporal, e está menos relacionada às outras duas modalidades do capital cultural – *institucionalizado* e *objetivado* (Bourdieu, 2001). A tensão aludida decorre do intenso consumo de conteúdos audiovisuais *online*, que se distanciam dos cânones mais legitimados e consagrados da cultura. Essa incorporação parcial e fragmentada é bastante útil para a obtenção de um bom desempenho no exame do ENEM, principalmente na prova de redação, pois contribui para a construção de competências cognitivas, como a leitura e a escrita.

Por outro lado, o capital econômico dos estratos de maior renda e escolaridade das famílias dos *neonativos digitais* exerce um peso causal determinante para a disponibilização e uso da infraestrutura tecnológica doméstica, necessária ao uso da internet, tanto para o consumo de conteúdos audiovisuais digitais, quanto para a realização de atividades escolares. Esse aspecto contribui para a construção de uma espécie de *capital informacional-digital-tecnológico* por parte dos *neonativos digitais*, aspecto bastante relevante para a obtenção de um bom desempenho junto ao ENEM.

Desse modo, como assinalado antes, no que tange aos *neonativos digitais* membros da geração Z, o polo família é reforçado no âmbito da trama relacional entre família e escola, e passa exercer um peso causal maior para o desempenho escolar. Todavia, não significa que a escola não exerça impacto, exerce sim. Ocorre que, com a *digitalização da vida* e o mergulho na hiperconectividade, especialmente por parte dos *neonativos digitais* membros da geração Z, foi construído e sedimentado uma espécie de *capital informacional-digital-tecnológico* entre as famílias dos *neonativos digitais*, principalmente aqueles que dispõem de maior renda e escolaridade, cuja gênese e a operacionalização prática têm uma relação muito mais direta com o capital econômico do que com o capital cultural.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Elder P. Maia. A digitalização do simbólico e o capitalismo cultural-digital: a expansão dos serviços culturais-digitais no Brasil. *Sociedade e Estado*, v. 34, p. 129-157, 2019.
- ALVES, Elder P. Maia. A economia criativa do audiovisual em Alagoas no pós-pandemia: perspectivas, desafios e oportunidades. EDUFAL, Maceió, 2023.
- BRFANDÃO, Zaia; LELLIS, Isabel. Elites acadêmicas e escolarização dos filhos. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 24, n. 83, p. 509-526, agosto 2003.
- BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. Desigualdade e desempenho. Uma introdução à sociologia da escola brasileira. Fino Traço Editora, Belo Horizonte, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre o estado. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.
- COLMAN, James, S. Equality of educational opportunity. Johns Hopkins Universty, 1966.
- DA NOVA FILHO, Marcos Vinícius Menezes, CHIARINI, Tulio, MARCATO, Marília Bessetti. Plataformização do mercado audiovisual: a indústria de streaming de vídeo no Brasil. IPEA, Rio de Janeiro, 2023.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**, Vol I, Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1990.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1987.
- IBGE. PNAD Contínua. Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel para uso pessoal 2023. Brasília, 2024.
- LUPTON, Deborah. **Digital Sociology**. 2015. Routledge, 230.
- LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Penso, São Paulo, 2006.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**. Ática, São Paulo, 2005.
- MANNHEIM, Karl. Sociologia da cultura. Campinas, Perspectiva, 1974.
- NASCIMENTO, Matheus Monteiro, CAVALCANTI, Cláudio, OSTERMANN, Fernanda. Sucesso escolar em contextos populares: uma análise a partir do ENEM. *Revista Estudos em Avaliação Educacional*, São Paulo, Jan/abr, 2020.
- NOGUEIRA, Maria Alice. O capital cultural e a produção das desigualdades escolares contemporâneas. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, 2021.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. Predisposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 90, p. 77-105, Jan./Abr. 2005

SANTANA, Isabel Jensen e DANTAS, Adriana, S.R. A redação do Enem como expressão de capital cultural: renda, tipo de escola e raça em análise. <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/11056>. Acessado em 24 de janeiro de 2025.

RODRIGUES, Leonardo. Estratificação Horizontal do Ensino Superior Brasileiro e as Profissões Imperiais: Os Concluintes de Medicina, Engenharia e Direito entre 2009 e 2017. **Dados**, Rio de Janeiro Vol.67 N.1 Ano 2024: e20210118.

PALFREY, John; GASSER, Urs. Nascidos na Era Digital: Entendendo a Primeira Geração de Nativos Digitais. Penso, São Paulo, 2011.

TIC KIDS BRASIL online. Pesquisa sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil. São Paulo, 2024.

TIC KIDS BRASIL online. Pesquisa sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil. São Paulo, 2022.

TIC DOMICÍLIO. Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nos domicílios brasileiros. São Paulo, 2024.

<https://news.un.org/pt/story/2022/12/1806207> (acessado no dia 12 de janeiro de 2025).

<https://www.segmentopesquisas.com.br/blog/2019/5/24/as-geracoes-e-suas-caracteristicas> (acessado no dia 11 de janeiro de 2025).

WELLER, Vivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 25 Número 2 maio / agosto 2010.